

Fóssil de *Panochthus* na Seção de Geologia e Paleontologia da UEG.

Jourdan Calil de Amorim Costa* (PG)¹, Pedro Oliveira Paulo (PQ)¹. jourdancalil@gmail.com

¹[Universidade Estadual de Goiás. Câmpus de Ciências Exatas e Tecnológicas. BR 153 / Km 3 75110-390 - Anápolis, GO – Brasil.](#)

Resumo: Constituindo o mais importante grupo de mamíferos do Cenozóico da América do Sul, onde são amplamente representados no registro fóssil, os Xenarthra são atualmente representados por apenas 31 espécies, distribuídas em 21 espécies de tatus, 6 espécies de preguiças arborícolas e 4 espécies de tamanduás. Esta pequena representação na fauna moderna não reflete a expressiva riqueza de formas fósseis que habitou o Continente Sul-Americano durante todo a Era Cenozóica. As formas fósseis e viventes podem ser categorizadas em dois importantes grupos ou Ordens: Pilosa e Cingulata. A Seção de Geologia e Paleontologia do Câmpus CET, SEGEP/CET, da Universidade Estadual de Goiás (UEG), possui um rico acervo de materiais fósseis, minerais e rochas, que são utilizados pelo corpo discente no âmbito das disciplinas de Geologia e Paleontologia. Dentre os fósseis de vertebrados, levantamentos prévios do acervo permitiram o reconhecimento de um raro tubo caudal de Glyptodonte, exibindo as típicas características deste grupo de organismos de grande porte, caracterizados por ampla carapaça não-articulada, massa corporal elevada e característico do Pleistoceno da América do Sul. Inicialmente classificado como elemento osteológico atribuível à espécie *Parapanochthus jaguaribensis* (Xenarthra, Glyptodontoidea), atualmente esse gênero é uma sinonímia de *Panochthus*, sendo, portanto denominado *Panochthus jaguaribensis*. No entanto, esta questão taxonômica ainda carece de análises mais pormenorizadas, acompanhadas de comparações com exemplares de outras coleções e consultas à literatura no intuito de alcançar a completa identificação do exemplar, bem como dirimir eventuais questões filogenéticas, ainda problemáticas dentro do grupo. Esta contribuição visa primordialmente reportar e confirmar a presença de elemento osteológico desta rara espécie na SEGEP da UEG.

Palavras-chave: Cingulata. Glyptodontoidea. Pleistoceno. Mamíferos. Acervo. CCET.

Introdução

Atualmente representados por apenas 31 espécies distribuídas em 21 espécies de tatus, 6 espécies de preguiças arborícolas e 4 espécies de tamanduás (OLIVEIRA, 1996). A divergência entre Xenarthra e os outros mamíferos placentários provavelmente ocorreu no Cretáceo, há aproximadamente 106 milhões de anos (DELSUC et al., 2001). O monofiletismo dos Xenarthra é amplamente apoiado pelas seguintes sinapomorfias: a articulação estranha intervertebral (Xenarthria), a fusão dos processos transversos das vertebrae caudais anteriores ao ísquio, ossificação dérmica, a simplificação dos dentes, fusão ísquio-sacral, a presença de uma espinha escapular secundária, entre outras (GAUDIN, 2004). As formas fósseis e viventes podem ser categorizadas em dois importantes grupos, denominados Pilosa e Cingulata, sendo a primeira composta pelas subordens Folivora e Vermilingua. (PAULA-COUTO, 1979). Este trabalho visa utilizar-se de referências disponíveis, detalhamento da anatomia de esqueleto apendicular, comparações com outros exemplares de diferentes instituições, revisão da literatura e descrição pormenorizada do tubo caudal, de modo a obter informações que possam ser úteis no reconhecimento da distribuição destes organismos raros nos acervos brasileiros.

Material e Métodos

A Seção de Geologia e Paleontologia do Câmpus de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCET), possui um rico e diversificado acervo de Minerais, Rochas e Fósseis, sendo estes últimos representativos de uma rica diversidade biótica, consistindo de restos de plantas, vertebrados, invertebrados e microfósseis. Durante atividades de Pesquisa nesta coleção, permitiram, entre outros resultados, o reconhecimento de um tubo caudal de Glyptodonte, que exibe as características típicas do gênero *Panochthus*, elemento raríssimo nos acervos Paleontológicos brasileiros. A peça correspondente ao tubo caudal apresenta-se parcialmente preservada, compreendendo a porção proximal do elemento, aparentemente de pequeno comprimento, exibindo ainda achatamento dorso-ventral, em sua extremidade distalmente, sendo que sua parte mais proximal exibe formato cilíndrico a subcilíndrico.

Resultados e Discussão

A taxonomia de tubos caudais de Glyptodontes baseia-se, predominante, na descrição dos osteodermos do tubo, em sua disposição e na geometria das figuras típicas destas estruturas. Dessa forma, a disposição e característica das figuras laterais e ventrais do respectivo tubo, indicou que este pertence ao gênero *Parapanochthus* (MOREIRA, 1971), exemplar bastante raro. No entanto, análises filogenéticas e morfológicas realizadas por BERGQVIST, 1993; PORPINO e BERGQVIST, 2002, mais apuradas e detalhadas não constataram diferenças significativamente importantes que permitissem reconhecer um novo gênero, o situando no gênero *Panochthus*. Atualmente o tubo caudal encontra-se situado no gênero *Panochthus*, no entanto, as questões de ordem filogenéticas permanecem em aberto, carecendo, substancialmente, de novas análises mais detalhadas para um melhor entendimento da Origem, Evolução, Posicionamento Taxonômico e Filogenético destes raros organismos. Neste âmbito, os dados apontam para a ocorrência de *Panochthus jaguaribensis* na Seção de Geologia e Paleontologia, CCET, UEG, Anápolis, raríssimo exemplar de mamífero da Megafauna Pleistocênica do Brasil. Maiores estudos deste raro exemplar, poderão auxiliar na compreensão da história evolutiva destes magníficos animais, sua distribuição e os aspectos envolvidos em sua extinção em fins do Pleistoceno, fornecendo ainda informações de cuinho Paleoambiental, Paleoecológico e Paleobiocronológico.

Considerações Finais

O presente estudo proporcionou confirmar a importância da presença deste material na SEGEF e identificar, o táxon, com base em informações diagnósticas, dirimindo possíveis dúvidas e fornecendo informações adicionais sobre os materiais depositados como parte do acervo da SEGEF. Contribuiu ainda de forma expressiva para o conhecimento da ordem Xenarthra e da Tribo Panochthini, da qual o referido tudo faz parte, inexpressivo quando comparado as outras ordens dos mamíferos. Permitiu reconhecer o gênero ao qual o tubo pertencente ao acervo se associa, qual seja *Panochthus*. Adicionalmente, o presente trabalho permitiu trazer à comunidade científica a presença de importante peça constituinte do acervo de nossa instituição e raríssima em outros acervos.

Agradecimentos

A UEG, pelo auxílio financeiro, e a SEGEPE, por ceder o material estudado.

Referências

BERGQVIST, L. P. Jazimentos pleistocênicos do Estado da Paraíba e seus fosseis. **Revista Nordestina de Biologia**, v.8, n.2, p.143-158. 1993.

DELSUC, F.; CATZEFLIS, F. M.; STANHOPE, M. J.; DOUZERY, E. J. P. The evolution of armadillos, anteaters, and sloths depicted by nuclear and mitochondrial phylogenies: implications for the status of the enigmatic fossil *Eurotamandua*. **The Proceedings of the Royal Society of London Biological Sciences**, v. 268, 2001.

GAUDIN, T. J. Phylogenetic relationships among sloths (Mammalia, Xenarthra, Tardigrada): the craniodental evidence. **Zoological Journal of the Linnean Society**. Londres, v.140, p.255-305. 2004.

MOREIRA, L. E. Os gliptodontes do nordeste do Brasil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, v.43, p.529-552. 1971.

OLIVEIRA, E. V. Mamíferos Xenarthra (Edentata) Do Quaternário Do Estado Do Rio Grande Do Sul, Brasil. **Ameghiniana**. Buenos Aires, v.33, n.1, p.65-75. 1996.

PAULA-COUTO, C. **Tratado de paleomastozoologia**. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Ciências. 1979.

PORPINO, K. O.; BERGQVIST, L. P. Novos achados de *Panochthus* (Mammalia, Cingulata, Glyptodontoidea) no Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Paleontologia**. v.4. p.51-62. 2002.



IV Congresso de
Ensino, Pesquisa
e Extensão da UEG

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

CAPES



FAPEG
Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado de Goiás

GOIÁS
ESTADO INOVADOR